

DAVID  
LEVITHAN

DOIS GAROTOS  
SE BEIJANDO

tradução de REGIANE WINARSKI

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2015

Vocês não têm como saber como é para nós agora; sempre estarão um passo atrás.

Agradeçam por isso.

Vocês não têm como saber como era para nós antes; sempre estarão um passo à frente.

Agradeçam por isso também.

Acreditem em nós: existe um equilíbrio quase perfeito entre o passado e o futuro. Enquanto nos tornamos o passado distante, vocês se tornam um futuro que poucos de nós poderiam ter imaginado.

É difícil pensar em coisas assim quando se está ocupado sonhando ou amando ou transando. O contexto some. Somos um peso espiritual que vocês carregam, como o dos seus avós ou dos amigos de infância que em algum momento se mudaram para longe. Tentamos tornar o peso o menos incômodo possível. E, ao mesmo tempo, quando vemos vocês, não conseguimos deixar de pensar em nós. Já fomos os que estavam sonhando e amando e transando. Já fomos os que estavam vivendo, e depois fomos os

que estavam morrendo. Nós nos costuramos, com a grossura de uma linha, nas suas histórias.

Houve uma época em que éramos como vocês, só que nosso mundo não era como o seu.

Vocês não fazem ideia do quanto chegaram perto da morte. Uma geração ou duas antes, e vocês talvez estivessem aqui conosco.

Nós nos ressentimos de vocês. Vocês nos deixam pasmos.

São 8h07 de uma noite de sexta-feira, e Neil Kim está pensando em nós. Ele tem 15 anos e está indo a pé para a casa de seu namorado, Peter. Eles estão juntos há um ano, e Neil começa refletindo sobre como parece ser bastante tempo. Desde o começo, todos dizem que não vai durar. Mas agora, mesmo que não dure para sempre, parece que durou o bastante para ser importante. Os pais de Peter tratam Neil como um segundo filho, e, apesar de os pais de Neil ainda ficarem alternadamente confusos e perturbados, eles não trancaram nenhuma das portas.

Neil está com dois DVDs, duas garrafas de Dr. Pepper diet, massa de biscoito para assar e um livro de poemas na mochila. Isso, e Peter, é tudo de que ele precisa para se sentir um cara de sorte. Mas aprendemos que sorte na verdade faz parte de uma equação invisível. A dois quartos da casa de Peter, Neil tem um vislumbre disso e é tomado de uma sensação de gratidão profunda e sem nome. Ele percebe que parte da sorte que tem é por sua posição na história e pensa brevemente em nós, os que

vieram antes. Não somos nomes nem rostos para ele; somos uma abstração, uma força. A gratidão dele é uma coisa rara; é muito mais provável que um garoto sinta gratidão pelo Dr. Pepper diet do que por estar vivo e com saúde, por ser capaz de caminhar até a casa do namorado aos 15 anos sem nenhuma dúvida de que é a coisa certa a se fazer.

Ele não faz ideia do quanto é lindo ao caminhar pela entrada e tocar a campainha. Ele não faz ideia do quanto o comum fica lindo depois que desaparece.

Se você é adolescente agora, é improvável que tenha nos conhecido bem. Somos seus tios sombra, seus padrinhos anjos, o melhor amigo da sua mãe ou da sua avó da faculdade, o autor daquele livro que você encontrou na seção gay da biblioteca. Somos os personagens em uma peça de Tony Kushner ou nomes em uma colcha que raramente é usada. Somos os fantasmas da geração mais velha que sobrou. Você conhece algumas das nossas músicas.

Não queremos assombrar você com melancolia demais. Não queremos que nosso legado seja *gravitas*. Você não iria querer viver sua vida assim, e também não vai querer ser lembrado assim. Seu erro seria ver nossa semelhança em nossa morte. A parte da vida foi mais importante.

Nós te ensinamos a dançar.

É verdade. Olhem para Tariq Johnson na pista de dança. É sério, olhem para ele. Um metro e noventa de altura, 82

quilos, e tudo isso pode ser convertido pela roupa certa e pela música certa em um amontoado de alegria alheia a tudo. (O corte de cabelo certo também ajuda.) Ele trata o corpo como se fosse feito de fogos de artifício, cada um sincronizado com a batida. Ele está dançando sozinho ou com todo mundo no salão? Eis o segredo: não importa. Ele viajou por duas horas para chegar à cidade, e, quando tudo acabar, vai levar mais duas horas para chegar em casa. Mas vale a pena. A liberdade não é só uma questão de votar e casar e beijar na rua, embora todas essas coisas sejam importantes. A liberdade também é uma questão do que você vai se permitir fazer. Observamos Tariq quando está na aula de espanhol, desenhando mapas imaginários no caderno. Observamos Tariq quando está no refeitório, lançando olhares velados para os garotos mais velhos. Observamos Tariq quando coloca as roupas na cama e cria o contorno da pessoa que ele será esta noite. Passamos anos fazendo essas coisas. E era isso que esperávamos com ansiedade, a mesma coisa que Tariq espera com ansiedade. Essa libertação.

A música não é muito diferente agora do que era quando nós íamos para a pista de dança. Isso quer dizer alguma coisa. Encontramos uma coisa universal. Engarramos esse desejo e o soltamos nas ondas sonoras. O som bate nos seus corpos e vocês se movem.

Estamos nessas partículas que enviamos para vocês. Estamos naquela música.

Dance para nós, Tariq.

Sinta-nos na sua liberdade.

\* \* \*

Foi uma ironia delicada: quando paramos de querer nos matar, começamos a morrer. Quando estávamos sentindo força, ela foi tirada de nós.

Isso não deve acontecer com vocês.

Adultos podem falar o quanto quiserem sobre os jovens se sentirem invencíveis. É claro que alguns de nós tinham essa ousadia. Mas havia também uma voz interior nos dizendo que estávamos condenados. E estávamos condenados. E não estávamos.

Vocês nunca devem se sentir condenados.

São 8h43 da mesma noite de sexta-feira, e Cooper Riggs não está em lugar nenhum. Está no quarto, sozinho, e parece ser lugar nenhum. Ele poderia estar fora do quarto, cercado de pessoas, mas a sensação ainda seria a de lugar nenhum. O mundo aos olhos dele é insípido e chato. Todas as sensações vazaram dele, e sua energia escapa pelos corredores movimentados de sua mente, provocando um barulho furioso e frustrado. Ele está sentado na cama e está lutando dentro de si mesmo, e a única coisa que consegue pensar em fazer é entrar na internet, porque a vida lá é tão insípida quanto a vida real, mas sem as expectativas da vida real. Ele só tem 17 anos, mas online pode ter 22, 15, 27. O que a outra pessoa quiser. Ele tem perfis falsos, fotos falsas, dados falsos e histórias falsas. As conversas são basicamente falsas também, cheias de flertes que ele nunca vai levar até o fim, de pequenas centelhas que nunca vão virar fogo. Ele não vai admitir, mas está procurando as surpresas de uma coisa genuína. Ele abre sete sites ao

mesmo tempo para manter a mente ocupada, para fingir para si mesmo que saiu do lugar nenhum, mesmo ainda se sentindo em lugar nenhum. Ele fica tão perdido na busca que nada mais parece importar, e o tempo perde o valor e deve ser usado em coisas sem valor.

Sabemos que alguns de vocês ainda sentem medo. Sabemos que alguns de vocês ainda estão em silêncio. Só porque está melhor agora não quer dizer que é sempre bom.

Sonhar e amar e transar. Nenhuma dessas coisas é uma identidade. Talvez quando as outras pessoas olham para nós, mas não para nós mesmos. Somos muito mais complicados do que isso.

Queríamos poder oferecer a vocês um mito de criação, um motivo exato para explicar por que vocês são como são, por que, quando lerem esta frase, vão saber que é sobre vocês. Mas não sabemos como começou. Mal entendemos na época que soubemos. Pensamos em tudo que aprendemos, mas essas coisas juntas não preenchem o espaço de uma vida.

Vocês vão sentir saudade do gosto de Froot Loops.

Vocês vão sentir saudade do som do trânsito.

Vocês vão sentir saudade de suas costas encostadas nas dele.

Vocês vão até sentir saudade dele puxando seu lençol.

Não ignorem essas coisas.

\* \* \*

Nós não tínhamos a internet, mas tínhamos uma rede. Não tínhamos websites, mas tínhamos locais onde esticar nossa rede. Dava para ver melhor nas cidades grandes. Mesmo alguém tão jovem quanto Cooper, tão jovem quanto Tariq, era capaz de encontrar. Pieres e cafés. Locais no parque e livrarias onde Wilde, Whitman e Baldwin reinavam como reis bastardos. Esses eram portos seguros, mesmo quando tínhamos medo de que sermos abertos demais significava que estávamos nos abrindo para um ataque. Nossa felicidade tinha desafio, e nossa felicidade tinha medo. Às vezes havia anonimato, às vezes você estava cercado de amigos e amigos de amigos. Fosse como fosse, você estava conectado. Por seus desejos. Por seus desafios. Pelo simples e complicado fato de quem você era.

Fora das cidades grandes, as conexões eram mais difíceis de se ver, a rede era mais fina, os locais eram mais difíceis de encontrar. Mas estávamos lá. Mesmo que achássemos que éramos os únicos, estávamos lá.

Poucas coisas podem nos deixar tão felizes quanto um baile gay.

Neste momento, às 21h03 daquela sexta-feira, estamos em uma cidade com o nome improvável de Kindling, ou seja, “gravetos”; sem dúvida os pioneiros tinham um desejo de morte ardente, ou talvez fosse apenas um tributo aos gravetos em chamas que mantiveram os colonizadores vivos. Em algum ponto do caminho, alguém deve ter aprendido a lição do terceiro porquinho, pois o centro comunitário é todo construído de tijolos. É um prédio sem



graça e silencioso em uma cidade sem graça e silenciosa; sua arquitetura é tão bonita quanto a palavra *municipal*. É um local improvável para um garoto de cabelo azul e um garoto de cabelo rosa se encontrarem.

Kindling não tem adolescentes gays suficientes para terem um baile próprio. Assim, esta noite, os carros chegam de todos os lugares. Alguns dos casais chegam juntos, rindo ou brigando ou sentados em seus silêncios separados. Alguns dos garotos chegam sozinhos; saíram sorrateiros de casa, ou vão se encontrar com amigos no centro comunitário, ou viram a lista online e decidiram ir no último minuto. Há garotos de smoking, garotos decorados com flores, garotos de moletons rasgados, garotos de gravatas estreitas como as pernas das calças jeans, garotos de vestidos irônicos de tafetá, garotos de vestidos não irônicos de tafetá, garotos de camisetas com gola V, garotos que se sentem estranhos usando sapatos sociais. E garotas... garotas usando todas essas coisas, indo para o mesmo lugar.

Se fomos aos nossos bailes de escola, fomos com garotas. Alguns de nós se divertiram; alguns olharam para trás anos depois e se perguntaram como conseguimos ser tão alheios a quem somos realmente. Alguns de nós conseguiram ir juntos, com nossas melhores amigas se passando por nossos pares. Fomos convidados para esse ritual, mas só se sustentássemos a história de nossos supervisores. Era mais provável que Neil Armstrong nos convidasse para um baile na lua do que podermos ir a um baile como o que acontece em Kindling esta noite.

Quando estávamos no ensino médio, o cabelo existia no espectro sem graça de preto/castanho/ruivo/louro/grisalho/branco. Mas esta noite, em Kindling, temos Ryan

chegando ao centro comunitário com o cabelo tingido de azul turquesa. Dez minutos depois, Avery chega com o cabelo rosa da cor de um Cadillac da Mary Kay. O cabelo de Ryan é espetado como a superfície de um mar agitado, enquanto o de Avery cai delicadamente sobre os olhos. Ryan é de Kindling e Avery é de Marigold, uma cidade a 65 quilômetros de distância. Percebemos imediatamente que eles não se conhecem, mas que vão se conhecer.

Não somos unânimes quanto ao cabelo. Alguns de nós acham que é ridículo ter cabelo azul ou rosa. Outros desejam poder voltar no tempo para fazer o cabelo imitar a gelatina que nossas mães serviam à tarde.

Raramente somos unânimes em relação a alguma coisa. Alguns de nós amaram. Alguns não conseguiram. Alguns foram amados. Alguns não foram. Alguns nunca entenderam para que tanta confusão. Alguns queriam tanto que morreram tentando. Alguns juram que morreram de coração partido, não de AIDS.

Ryan entra no baile, e Avery entra dez minutos depois. Sabemos o que vai acontecer. Já testemunhamos essa cena tantas vezes antes. Só não sabemos se vai dar certo, nem se vai durar.

Pensamos nos garotos que beijamos, nos garotos com quem transamos, nos garotos que amamos, nos garotos que não retribuíram nosso amor, nos garotos que estavam conosco no final, nos garotos que estavam conosco depois do final. O amor é tão doloroso; como podemos desejar para alguém? E o amor é tão essencial; como podemos atrapalhar o progresso dele?

Ryan e Avery não nos veem. Eles não nos conhecem, não precisam de nós nem nos sentem no salão. Eles nem

veem um ao outro até se passarem vinte minutos de baile. Ryan vê Avery por cima da cabeça de um garoto de 13 anos usando (é verdade, tão gay) suspensórios de arco-íris. Ele vê primeiro o cabelo de Avery, depois Avery. E Avery ergue o olhar naquele mesmo momento e vê o garoto de cabelo azul olhando para ele.

Alguns de nós aplaudem. Outros afastam o olhar, porque dói demais.

Sempre subestimamos nossa participação na magia. Isso quer dizer que pensávamos na magia como uma coisa que existia independente de nós. Mas não é verdade. As coisas não são mágicas porque foram conjuradas para nós por uma força externa. Elas são mágicas porque nós as criamos e as consideramos assim. Ryan e Avery vão dizer que o primeiro momento em que se falaram, o primeiro momento em que dançaram, foi mágico. Mas foram eles, mais ninguém e mais nada, que deram magia ao momento. Nós sabemos. Nós estávamos lá. Ryan se abriu para o momento. Avery se abriu para o momento. E o ato de se abrir era tudo de que eles precisavam. *Essa é a magia.*

Concentração. O garoto de cabelo azul lidera. Sorri ao pegar a mão do garoto de cabelo rosa. Ele sente aquilo que sabemos: o sobrenatural é natural, e o milagre pode vir do movimento mais mundano, como um batimento de coração ou um olhar. O garoto de cabelo rosa está com medo, com tanto medo; só aquilo que você mais desejou pode assustar daquela maneira. Escutem os batimentos deles. Prestem atenção.

Agora, afastem-se. Vejam os outros adolescentes na pista de dança. Os desajustados à vontade, os rebeldes rasgados, os medrosos e os corajosos. Dançando ou não. Conver-

sando ou não. Mas todos no mesmo salão, no mesmo lugar, se reunindo de uma forma que não podíamos fazer antes.

Afastem-se mais um pouco. Estamos olhando de longe. Digam oi se vocês nos veem.

*O silêncio é igual à morte*, nós dizíamos. E por baixo disso havia a suposição, o medo de que a morte fosse igual ao silêncio.

Às vezes, você vislumbra esse horror. Quando alguém próximo fica doente. Quando alguém próximo é enviado para a guerra. Quando alguém próximo tira a própria vida.

Todos os dias, um novo enterro. Era uma parte tão grande de nossa existência. Imagine estudar em uma escola em que um aluno morre a cada dia. Alguns deles, seus amigos. Alguns deles só garotos que por acaso são da sua turma. Você continua indo porque sabe que tem que ir. Você se torna o guardião da lembrança, e também o guardião da dor, até ser sua vez de morrer, de fazerem luto por você.

Vocês não fazem ideia do quanto as coisas podem mudar rápido. Vocês não fazem ideia de como, de repente, os anos podem passar e as vidas podem terminar.

A ignorância não traz felicidade. Felicidade é saber o significado total do que se recebeu.

São 10h45. Craig Cole e Harry Ramirez estão planejando seu grande beijo. Meses de preparação levaram a esse beijo, e aqui estão eles, na noite de véspera. A maioria dos

beijos exige apenas duas pessoas, mas esse vai acabar precisando de pelo menos doze. Nenhuma dessas pessoas está no aposento agora. Só Craig e Harry.

— Vamos mesmo fazer isso? — pergunta Craig.

— Claro que vamos — responde Harry.

Eles sabem que precisam dormir. Sabem que amanhã é um grande dia. Sabem que não dá para voltar atrás, e também que não há garantia de que vão conseguir.

Eles deveriam estar indo dormir, mas a boa companhia é inimiga do sono. Lembramos tão bem esse sentimento: o desejo de alongar as horas com outra pessoa, conversando ou abraçando ou mesmo só assistindo a um filme. Nesses momentos, o relógio parece arbitrário, pois você está regulando sua compreensão do tempo em uma outra medida, mais pessoal.

Eles estão na casa de Harry. Os pais dele saíram e o cachorro já está dormindo. Como a casa parece deles, o mundo também parece deles. Por que se quereria fechar os olhos para isso?

Eles estão na casa de Harry porque os pais de Craig não podem saber sobre o beijo. Em algum momento, saberão. Mas não agora. Não antes de acontecer.

Em algum momento, Harry vai deixar Craig encolhido no sofá. Vai cobrir Craig, depois voltar na ponta dos pés para seu quarto. Eles estarão em lugares separados, mas terão sonhos muito similares.

Sentimos saudade da sensação de sermos cobertos na cama, assim como sentimos saudade da sensação de ser aquele anjo que paira, coloca o cobertor sobre os ombros do outro e deseja uma boa noite. Essas são as camas que queremos lembrar.

Estamos animados para o beijo amanhã. Não vemos como eles vão conseguir fazer, mas esperamos que consigam.

Avery do cabelo rosa nasceu um garoto que o resto do mundo via como garota. Conseguimos entender como é isso, ser visto como uma coisa que você não é. Mas, para nós, era mais fácil esconder. Para Avery, havia uma cadeia biológica mais grossa para quebrar. Logo cedo, os pais dele perceberam o que estava errado. A mãe achava que talvez sempre tivesse sabido, e foi por isso que escolheu o nome Avery, o nome do pai dela, que seria dado ao bebê quer fosse menino ou menina. Com a ajuda e a bênção dos pais, embora nem sempre com a compreensão, Avery planejou uma nova vida, dirigiu muitos quilômetros, não para dançar e nem para beber, mas para tomar os hormônios que colocariam seu corpo na direção certa. E funcionou. Olhamos para Avery agora e sabemos que funcionou, e apreciamos a maravilha que é isso. Na nossa época, ele teria ficado preso em um corpo do qual não poderia se livrar em um mundo difícil.

Enquanto eles dançam, Avery se pergunta se Ryan percebe e fica com medo de Ryan se importar. O garoto de cabelo azul o vê, isso é certo. Mas será que vê tudo, ou só o que quer ver? Essa é sempre uma das grandes questões do amor.

Ryan está mais preocupado com o tempo e o que fazer com ele. Ele não consegue acreditar que encontrou uma pessoa aqui nas entranhas do centro comunitário de

Kindling. O mesmo lugar onde aprendeu a nadar. O mesmo lugar onde treinou basquete pela liga recreativa quando tinha 9 anos. O mesmo lugar onde organizou vendas de bolos para arrecadar dinheiro e doações de sangue e o mesmo lugar onde vai votar quando tiver idade. Sim, é também o mesmo lugar de onde fugiu para fumar seu primeiro cigarro e, alguns anos depois, seu primeiro baseado, mas nunca foi um lugar onde imaginou encontrar um garoto de cabelo rosa com quem dançar. Ele consegue sentir seus amigos olhando das laterais, sussurrando sobre o que vai acontecer. Isso só amplifica sua própria necessidade de saber. O tempo está correndo, mas correndo na direção de quê? Será que ele deve parar e conversar mais com esse garoto, antes que o DJ toque a última música e as luzes sejam acesas? Ou será que eles devem ficar assim, unidos pela música, envoltos em uma canção?

*Converse com ele*, nós temos vontade de dizer. Porque, sim, o tempo pode flutuar no silêncio, mas precisa estar ancorado em palavras.

Sabemos qual é a melhor chance deles, e nisso o DJ não decepçiona. Como a maioria dos DJs faz em determinado ponto da noite, ele coloca uma música que significa muito para ele e nada para as pessoas presentes. Em segundos, a pista começa a esvaziar. As conversas aumentam de um zumbido para um clamor. Uma fila se forma no banheiro masculino.

Tanto Avery quanto Ryan param. Nenhum dos dois quer sair se o outro quiser ficar.

Por fim, Avery diz:

— Não consigo pensar em um jeito de dançar essa música.

E Ryan diz:

— Quer tomar um pouco de água?

Uma fuga acontece.

O DJ abre os olhos e vê o que fez. Ele deveria mudar a música. Mas é uma dedicatória de longa distância para o garoto que ele ama no Texas. Ele liga para o garoto agora mesmo e segura o celular no ar.

Nem todas as músicas precisam ser para dançar. Sempre vai haver a próxima música para atrair as pessoas de volta.

Isto é o que acontece quando se fica muito doente: dançar deixa de ser uma realidade e passa a ser uma metáfora. Com mais frequência do que se imagina, é uma metáfora nada gentil. *Estou dançando o mais rápido que consigo.* Como se a doença fosse o violinista que fica tocando cada vez mais rápido, e perder o passo é morrer. Você tenta e tenta e tenta, até que finalmente o violinista te deixa esgotado.

Esse não é o tipo de dança do qual vocês queiram se lembrar. Vocês vão querer se lembrar das músicas lentas como a última dança de Avery e Ryan. Vão querer se lembrar de dançar como Tariq se lembra de dançar ao ir para casa depois da noite na boate. São só onze da noite, praticamente meio-dia, considerando o tempo de uma noite, mas ele prometeu para Craig e Harry que dormiria um pouco para poder estar com eles no grande beijo amanhã sem estar morrendo de sono. Foi difícil para ele se afastar da música, da pulsação criada por ela. Ele tenta simular



isso agora com a música alta nos ouvidos, ignorando os outros sons no trem suburbano de madrugada. Não é a mesma coisa, porque não há outros garotos para quem olhar e nem por quem ser olhado, só outros passageiros e algumas garotas que acabaram de sair de alguma peça da Broadway. Uma delas tentou chamar a atenção de Tariq mais cedo, e ele deu um sorriso de *boa tentativa, desculpe*, fazendo com que ela voltasse a atenção para a *Playbill*.

Quando se fecha os olhos, pode-se conjurar um mundo. Tariq fecha os olhos e vê borboletas. A vibração delas, girando no ar na música da mente. É isso que ele quer ser, na pista de dança e na vida. Uma borboleta. Colorida e esvoaçante.

Há alguma coisa na pureza de sonhar com borboletas, em todas as coisas que a dança pode liberar quando se é jovem. Quando funciona, essa liberdade não acaba quando a última música é tocada. Você a leva com você. Usa para coisas maiores.

Repara quando é tirada de você.

Ryan e Avery conseguem sentir suas palavras trabalhando no outro, conseguem sentir a simples alegria de entrar no mesmo ritmo, de ter pensamentos sincronizados. Alicia, amiga de Ryan, vai dar uma carona para ele voltar para casa, e está circulando o local, olhando para ele de tempos em tempos. Ryan ignora, porque ele e Avery estão em sua fortaleza de não solidão, conversando sobre o quanto suas cidades são pequenas e o quanto é estranho estar em um baile gay. Ryan adora a curva do cabelo de Avery, adora a

curiosidade tímida nos olhos dele. Já Avery fica lançando olhares para o decote em V da camisa de Ryan, para a calça, para suas mãos perfeitas.

Nós lembramos como era conhecer uma pessoa nova. Lembramos como era dar a possibilidade a alguém. Você olha de seu próprio mundo e entra no dele, sem saber direito o que vai encontrar, mas torcendo para ser uma coisa boa. Tanto Ryan quanto Avery estão fazendo isso. Você entra no mundo dele e nem percebe que sua solidão acabou. Deixou-a para trás, e nem repara, porque não tem vontade de voltar.

Você fica de olho nele.

Talvez por causa do Dr. Pepper diet consumido mais cedo, Peter e Neil ficam acordados até mais tarde do que esperavam. O encontro foi um sucesso, embora eles já estejam juntos há tempo suficiente para não pensarem na noite como um encontro, só como uma noite juntos mesmo. Eles viram os dois filmes em sucessão, primeiro o de terror (por causa de Neil) e depois a comédia romântica (por causa de Peter), com Neil se segurando para não sorrir do medo de Peter durante o de terror e de suas lágrimas quando a comédia romântica acabou se desenrolando da forma previsível das comédias românticas. Peter ainda sente vergonha dessas coisas, e Neil percebe a vergonha dele... mesmo não conseguindo *sempre* conter sua diversão. ("Você está bem?", perguntou ele em um momento durante a comédia romântica no qual Peter parecia particularmente tenso, e não conseguiu deixar de apertar o

braço dele com solidariedade debochada quando Peter disse: “Só quero que Emma Stone fique bem.”)

Os pais de nenhum dos dois estão prontos para um dormir na casa do outro ainda, então Neil foi embora da casa de Peter um pouco antes da meia-noite, e agora eles estão em seus respectivos quartos, conversando pela internet enquanto se preparam para dormir. De vez em quando, um dos parentes coreanos de Neil aparece nos contatos do Skype, e Neil fica aliviado de nenhum deles tentar puxar conversa. A conexão de Peter é dedicada somente a Neil, pelo menos a essa hora.

Peter pensa que não há nada mais adorável no mundo inteiro do que Neil de pijama. É um pijama de verdade, com camisa listrada de botão combinando com calça de elástico também listrada. É pelo menos um tamanho maior do que o dele, e faz com que pareça estar esperando Mary Poppins enfiar a cabeça pela porta e dizer que está na hora de ir para a cama. Peter está de cueca boxer e uma camiseta que diz LEGALIZEM OS GAYS. Apesar de eles terem acabado de passar horas conversando, passam mais uma falando, às vezes sentados em frente ao computador olhando um para o outro e às vezes deixando as câmeras ligadas enquanto andam pelo quarto, escovam os dentes, escolhem roupas para o dia seguinte. Sentimos inveja de tanta intimidade.

Chega um momento em que a conversa de Peter e Neil se torna enevoada demais para continuar. Até o efeito do Dr. Pepper diet passa em algum momento. Mas a névoa deles é do tipo branca e fofa, como uma nuvem que criancinhas imaginam que vai carregá-las para o sono. Peter deseja bons sonhos para Neil, e Neil deseja a mesma

coisa. E então, por um momento, eles acenam um para o outro. Sorriem. Uma última olhada no pijama e boa-noite.

Em algum momento, todo mundo tem que dormir. É a primeira dica de que o corpo sempre vence. Não importa o quanto estamos felizes, não importa o quanto queremos que a noite se prolongue infinitamente, o sono é inevitável. Pode-se conseguir escapar dele por um ciclo, mas a necessidade do corpo sempre vai voltar.

Nós lutávamos contra ele. Quer nossa motivação fosse conversar no escuro ou dançar sob luzes piscantes, nós queríamos que nossas noites fossem infinitas. Para que a conversa pudesse continuar, para que a dança pudesse seguir em frente. Nós nos enchíamos de café, de açúcar, de substâncias mais fortes e perigosas. Mas o sono sempre chegava sorrateiro e acabava tomando conta.

Nós pensávamos com bom humor que o sono era o inimigo, era uma praga. Por que residir no templo de Morfeu se havia tanta coisa acontecendo lá fora? E a luta ficava mais desesperada. Quando você sabe que só tem poucos meses, poucos dias, quem quer dormir? Só quando a dor é demais. Só quando você está desesperado pela negação. Fora isso, o sono é tempo perdido que nunca vai ser recuperado.

Mas que negação prazerosa ela é. Ao vagarmos pela terra do sono e dos sonhos, conseguimos ver por que os insones imploram e os sonhadores lideram. Vemos Craig encolhido no sofá verde de Harry, debaixo de uma colcha de crochê que a bisavó de Craig fez. Observamos Harry

em seu quarto, com os braços dobrados e as mãos debaixo da cabeça, o corpo como um *q* minúsculo. Em outro canto da mesma cidade, Tariq adormeceu com fones de ouvido, música islandesa impregnando suas viagens noturnas. Em outro aposento, Neil de pijama sonha que ele e Peter estão brincando de jogo da velha, enquanto Peter de camiseta e cueca boxer sonha que pinguins imperadores tomaram conta do shopping center e estão tentando vender óculos escuros para Emma Stone. Em uma cidade chamada Marigold, Avery adormece com um número de telefone escrito na mão, enquanto em uma cidade chamada Kindling, Ryan pegou um saco de dormir e adormeceu sob as estrelas, sorrindo ao pensar em um garoto de cabelo rosa e no que eles podiam fazer no dia seguinte.

Só Cooper ainda está acordado, mas não por muito tempo. Ele tecla com pessoas de outros fusos horários, conversa com homens que estão acordando, homens que estão fugindo do trabalho por um momento. Ele engana a todos, mas não pode enganar a si mesmo. Ainda está em lugar nenhum, e, por mais que olhe, não há nenhum lugar à vista, principalmente dentro dele mesmo. Ele acredita que o mundo está cheio de pessoas burras e desesperadas, e só consegue se sentir burro e desesperado por passar tanto tempo com elas. Ficamos preocupados com isso. Dizemos para ele ir dormir. Tudo fica melhor depois de uma noite de sono. Mas ele não pode nos ouvir. E continua o que está fazendo. Seus olhos começam a se fechar cada vez mais. *Vá para a cama, Cooper, nós sussurramos. Vá para sua cama.*

Ele adormece em frente ao computador. Homens de outros fusos horários perguntam se ele ainda está ali, se foi

embora. Em seguida, passam para novas janelas, deixando a de Cooper vazia. Ele não tem como reparar quando todos saíram da sala.

Essa é uma imagem incompleta. Há garotos deitados acordados, se odiando. Há garotos transando pelos motivos certos e garotos transando pelos motivos errados. Há garotos dormindo em bancos e debaixo de pontes, e garotos com um pouco mais de sorte dormindo em abrigos, que passam a sensação de segurança, mas não de lar. Há garotos tão embevecidos de amor que não conseguem fazer o coração bater mais devagar o bastante para descansarem, e outros tão feridos pelo amor que não conseguem parar de cutucar a dor. Há garotos que se agarram a segredos à noite da mesma forma que se agarram à negação de dia. Há garotos que não pensam em si mesmos quando sonham. Há garotos que serão acordados no meio da noite. Há garotos que adormecem com os telefones nos ouvidos.

E homens. Há homens que fazem todas essas coisas. E há alguns homens, cada vez menos, que caem na cama e pensam em nós. Nos sonhos deles, ainda estamos ao seu lado. Nos pesadelos deles, ainda estamos morrendo. Na confusão da noite, eles nos procuram. Dizem nossos nomes enquanto dormem. Para nós, esse é o som mais importante e mais doloroso que temos o privilégio e o infortúnio de conhecer. Nós sussurramos os nomes deles em resposta. E, nos sonhos, talvez eles escutem.

\* \* \*

Queríamos poder mostrar a vocês o mundo quando dorme. Assim, vocês não teriam dúvida sobre o quanto somos parecidos, confiantes, incríveis e vulneráveis.

Não dormimos mais. E, como não dormimos mais, não sonhamos mais. O que fazemos é observar. Não queremos perder nada.

Vocês se tornaram nosso sonho.

No meio da noite, a mãe de Harry abre a porta do quarto e verifica se ele está dormindo em segurança. Em seguida, vai até a sala e faz a mesma coisa com Craig, sorrindo ao vê-lo envolto na colcha. Ela sabe que eles têm um grande dia amanhã e está preocupada com eles. Mas só vai demonstrar a preocupação enquanto eles estiverem dormindo. Mais do que tudo, ela sente orgulho. O orgulho pode ter um elemento de preocupação, principalmente se você é mãe.

A mãe de Harry ajeita o cobertor dele uma segunda vez. Dá um beijo delicado em sua testa e volta para o quarto pé ante pé.

Sentimos saudade de nossas mães. Nós as entendemos tão melhor agora.

\* \* \*